



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

EMANCIPAÇÃO OU BARBÁRIE: REFLEXÃO EM TORNO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Priscila Sousa Lopes¹¹²
(UESB)

Jorge Miranda de Almeida¹¹³
(UESB)

Fabrcio Santana Lacerda¹¹⁴
(UESB)

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo tecer considerações em torno da educação brasileira, a partir da experiência vivenciada no PIBID-Filosofia, UESB-FAPESB, realizado durante o ano de 2014-2015. Utilizamos como referencial teórico as obras de Theodor Adorno – Educação e Emancipação – e de Jacques Rancière - O Mestre Ignorante, que confrontamos com a realidade onde o PIBID foi desenvolvido para compreender as contradições do processo educativo no Brasil, com recorte na cidade de Vitória da Conquista. Pretende-se ainda, refletir e estabelecer conexões com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB em cotejo com as questões centrais abordadas por Adorno e Rancière que nortearão a análise sobre os caminhos que percorrem a educação brasileira: ou o caminho da barbárie, ou o caminho da emancipação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Emancipação, Barbárie.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a educação básica no Brasil passa por muitas dificuldades, principalmente no que se refere ao ensino-aprendizagem, a má formação docente, as

¹¹²Graduanda do curso de Filosofia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Grupo de pesquisa: “Memória, subjetividade e subjetivação”. E-mail: prylopez@hotmail.com.

¹¹³Professor Dtr. da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Memória, subjetividade e subjetivação”. E-mail: mirandajma@gmail.com.

¹¹⁴Graduando do curso de Filosofia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Grupo de pesquisa: “Memória, subjetividade e subjetivação”. E-mail: phabricio23@hotmail.com.



condições de trabalho inadequadas, dentre outras, contribuem para inviabilizar um ensino-aprendizagem de excelência que pode ser definido quando uma pedagogia além de problematizar conteúdos, contribui para que os educandos e educadores mediatizados pela realidade e pelas contradições façam da educação um instrumento político de emancipação, garantindo os princípios fundamentais da dignidade humana. Porém ao mesmo tempo, constatamos uma excessiva publicidade nos meios de comunicação dos governos nas esferas Federal, Estadual e Municipal preconizando uma educação de qualidade e superando as metas estabelecidas para atender os requisitos do IDH – Índice de desenvolvimento humano. Diante dessa contradição, o estudante fica perplexo entre o discurso sobre a educação de excelência e a prática de uma educação precária e com graves equívocos de conduta.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96), a educação nacional tem por finalidade o preparo do educando para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, embora seja perceptível o foco na preparação do educando para o mercado de trabalho. O desenvolvimento do pensamento crítico parece não ser tão importante para o Poder Público, e talvez por isso não haja incentivo nesse sentido. Uma das disciplinas altamente contribuintes para a expansão do pensamento crítico é a Filosofia, que foi retirada do currículo escolar no período da ditadura militar com um propósito definido. Hoje tem-se a disciplina de volta ao currículo com 1 aula no 1º ano, 02 aulas no 2º ano e no 3º ano do Ensino Médio, porém na maioria das escolas, ela é ministrada por professores de outras disciplinas com o objetivo de complementar a carga horária.

A Filosofia teria um papel fundamental no sentido de contribuir para a construção de consciência crítica, engajada e transformadora, se houvesse interesse dos governantes, mas como a educação está submetida aos interesses dos donos dos meios de produção e como é importante uma massa resignada e obediente, o papel que cabe a filosofia é muito mais de transmissibilidade de conteúdos conceituais do que a problematização da realidade em que os educandos e os educadores estão envolvidos. Pensar filosoficamente é significar o mundo a sua volta e atribuir ao conteúdo possibilidade de uma melhor compreensão, atuação do jovem no mundo, entendendo-se



como sujeito que é capaz de agir para modificar sua realidade. Por isso, é fundamental discutir temas como política, ética, cidadania, violência e trazer esses conteúdos para a sala de aula e para a própria vida.

Se superarmos os avanços das Políticas Públicas no sentido de não só garantir o acesso do jovem no Ensino Superior, mas sua permanência e a qualidade da formação que envolve não só domínio de conteúdos, mas, especialmente de que forma esse jovem ao formar-se vai atuar na sociedade, a educação em sintonia com a filosofia, pode contribuir para transformar mentalidades e estruturas.

A presente comunicação, fundamentada numa pesquisa de caráter bibliográfico e de campo, tem como referencial teórico Jacques Rancière, Theodor Adorno e suas respectivas obras *O Mestre Ignorante e Educação e Emancipação*. Jacques Rancière é um filósofo francês, influenciado pelo marxismo, que defende, principalmente, teorias da democracia e a igualdade radical, atua como professor de filosofia na Escola Europeia de Pós-Graduação em Saas-Fee. Theodor W. Adorno, também influenciado pelo marxismo, é um filósofo e sociólogo alemão nascido em Frankfurt em 11 de setembro de 1903 e falecido em 06 de agosto de 1969.

JACQUES RANCIÈRE: O EMANCIPADOR E O EMBRUTECEDOR

Jacques Rancière narra a respeito do mestre Jacotot, o qual acreditava no que acreditam muitos professores, que a grande tarefa do mestre é transmitir seus conhecimentos aos alunos, em suma, era explicar, até que passou por uma experiência que mudou completamente sua crença. Por volta de 1815, Joseph Jacotot, que ignorava totalmente o holandês, foi posto ao cargo de professor, de estudantes que ignoravam totalmente o francês, em Louvain. E para estabelecer o laço mínimo de algo em comum entre ele e seus alunos, indicou a obra *Telêmaco*, que acabara de ser publicada em Bruxelas, aos estudantes e solicitou que escrevessem em francês o que pensavam de tudo o quanto haviam lido. O professor esperava por terríveis barbarismos, visto que privou os estudantes de explicações e os desafiou a resolver dificuldades de uma língua nova para eles, contudo foi surpreendido:



Ele não havia dado a seus "alunos" nenhuma explicação sobre os primeiros elementos da língua. Ele não lhes havia explicado a ortografia e as conjugações. Sozinhos, eles haviam buscado as palavras francesas correspondentes àquelas que conheciam, e as razões de suas desinências. Sozinhos eles haviam aprendido a combiná-las, para fazer, por sua vez, frases francesas: frases cuja ortografia e gramática tornavam-se cada vez mais exatas, à medida que avançavam na leitura do livro; mas, sobretudo, frases de escritores, e não de iniciantes (RANCIÈRE, 2011, p. 20).

E por que a necessidade de explicações? O mestre é essencial por saber reconhecer a distancia entre a matéria e o sujeito a instruir, entre aprender e compreender. Joseph chegou à conclusão de que a explicação não é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender, é, ao contrário, essa incapacidade, a ficção que dar estrutura à concepção explicadora de mundo, logo, é o explicador quem necessita do incapaz. A explicação é o mito da pedagogia, o qual divide o mundo em dois, mais precisamente, a inteligência em duas, a inferior e a superior:

A primeira registra as percepções ao acaso, retém, interpreta e repete empiricamente, no estreito círculo dos hábitos e das necessidades. É a inteligência da criancinha e do homem do povo. A segunda conhece as coisas por suas razões, procede por método, do simples ao complexo, da parte ao todo. É ela que permite ao mestre transmitir seus conhecimentos, adaptando-os às capacidades intelectuais do aluno, e verificar se o aluno entendeu o que acabou de aprender. Tal é o princípio da explicação. Tal será, a partir daí, para Jacotot, o princípio do *embrutecimento* (RANCIÈRE, 2011, p. 24).

O mestre *embrutecedor* não é o velho que enche a cabeça de seus alunos de conhecimentos indigestos, e sim o culto, que se considera superior, evidenciando a distância que vai do seu saber à ignorância dos ignorantes. O mestre ignorante é o que a maioria dos profissionais da educação brasileira representa. Jacotot é o embrutecimento de uma educação descomprometida. Segundo Franz Tamayo citado por Danilo Streck, “o que se tem que estudar não são métodos estranhos, trabalhos de compilação, mas a alma de nossa raça, que é um verdadeiro trabalho de criação. São os lugares íntimos de nossa



vida interior e de nossa história os que sobretudo o grande pedagogo deve tratar de descobrir.” (TAMAYO apud STRECK, 2010, p. 20).

Descobrir homens e mulheres em situação concreta e contraditória e não seres no dever-ser como normalmente são *ensinados* nas disciplinas de filosofia e de educação. Segundo Paulo Freire,

Sendo os homens seres em “situação”, se encontra enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria *situacionalidade*, na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela. Esta reflexão implica, por isso mesmo, algo mais que estar em *situacionalidade* é sua posição fundamental. Os homens são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de *estar*, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão. (FREIRE, 1987, p. 101 – grifos do autor)

Tamayo e Freire têm uma postura diferente da de Jacotot, pois, concebem uma educação em situação e capaz de problematizar e descobrir o que faz sentido em nossa situação existencial. O conceito de bem estar, de vida boa para Aristóteles, seria o mesmo para quem mora na periferia e tem horário para entrar e sair determinado pelo tráfico? A escola ao qual Piaget pensou é a mesma onde nas periferias do Rio de Janeiro, Vitória da Conquista, São Paulo, os traficantes determinam o dia e o horário de funcionamento das aulas? Os diretores e profissionais de educação ficam reféns de jovens traficantes infiltrados nas escolas para difundir o uso do tráfico e para aliciar jovens?

O livro *O Mestre ignorante* é fascinante porque permite ao leitor problematizar uma concepção de educação ingênua e ideal, de uma educação real e com sérios problemas estruturais que vão muito além da não valorização do educador e da qualidade do material didático ou das intencionalidades políticas e ideológicas. O livro demonstra que as inteligências são de mesma natureza, não há uma superior e outra inferior, quando uma inteligência é subordinada à outra inteligência há o embrutecimento. O que existe é o querer, a vontade de fornecer informação e a vontade



de aprender, de se expressar, isto é, de traduzir. Pode-se aprender sozinho, e sem mestre explicador, quando se quer.

No entanto, quando a vontade não é suficientemente forte para colocar e manter no caminho, vê-se a necessidade de um mestre. Nem sempre os alunos querem aprender, o mestre deve despertar a vontade dos estudantes, fazer tornar-se interessante determinada disciplina ou tema. Os alunos de Jacotot haviam aprendido sem mestre explicador, mas não sem mestre, o professor havia sido mestre por força da ordem que mergulhara os alunos no círculo de onde eles podiam sair sozinhos. Ele desafiou, provocou seus alunos. E neste âmbito está a emancipação. Para emancipar um ignorante, é preciso ser, primeiramente, emancipado, e não é o procedimento que emancipa ou embrutece, é o princípio da igualdade ou desigualdade. *“Esse método da igualdade era, antes de mais nada, um método da vontade”* (RANCIÈRE, 2011, p. 30).

Assim se haviam igualmente separado, liberadas uma da outra, as duas faculdades que estão em jogo no ato de aprender: a inteligência e a vontade. Entre o mestre e o aluno se estabelecera uma relação de vontade a vontade: relação de dominação do mestre, que tivera por consequência uma relação inteiramente livre da inteligência do aluno com aquela do livro — inteligência do livro que era, também, a coisa comum, o laço intelectual igualitário entre o mestre e o aluno (RANCIÈRE, 2011, p. 31).

Um emancipador não fornece a chave do saber, mas a consciência daquilo que pode uma inteligência que se considera igual a qualquer outra. A emancipação é a consciência da igualdade. Na obra *Pedagogia do Oprimido* novamente Paulo Freire, problematiza e desafia educandos e educadores ao ponderar que “a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si mesmo e aos opressores” (FREIRE, 1987, p. 30). Carlos Eduardo Moreira no verbete emancipação para o *Dicionário Paulo Freire* afirma que “o processo emancipatório freiriano decorre de sua *intencionalidade* política declarada e assumida por todos aqueles que são comprometidos com a transformação das condições e de situações de vida e existência dos oprimidos” (MOREIRA apud STRECK, 2010b, p. 146).



Portanto, é evidente que um mestre emancipador não duvidará da capacidade de seu educando. Os profissionais da educação básica devem acreditar no estudante, o que não acontece com frequência. Porém, a emancipação extrapola e muito as condições de sala de aula e da própria escola. Há muitos professores que deixam de realizar determinadas atividades com seus alunos por duvidarem da criatividade, do empenho deles, como constatado em algumas observações e intervenções feitas em sala de aula, possibilitadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Jacques Rancière, em sua obra *O Mestre Ignorante*, afirma que o *embrutecimento* confirma uma incapacidade pelo próprio ato que pretende reduzi-la, enquanto que a *emancipação* força uma capacidade que se ignora a se reconhecer e a desenvolver todas as consequências desse reconhecimento. Precisa-se de mais professores emancipadores, que não ignore a capacidade dos estudantes.

É importante enfatizar que não estamos defendendo aqui que o aluno avance sempre sozinho, a ideia é estimular a criatividade dos estudantes, encorajá-los a pensar por si próprios em determinados momentos, utilizando meios provocantes para que isso ocorra. É claro que os livros didáticos que se costuma usar nas escolas públicas do Brasil, por exemplo, dependendo da forma como o professor vai utilizá-lo, pode não ser um recurso tão apropriado para tentar fazer o aluno avançar sozinho, a explicação do professor é essencial, pois propicia uma compreensão além do que está nos livros, uma vez que, a compreensão é ainda mais possível através da troca de saberes, das relações humanas. No entanto, o que se ver nas escolas públicas brasileiras, na maioria das vezes, é o aluno se deparando sozinho com o livro didático, simplesmente os pedem que se reúnam em grupos e discutam o capítulo de um livro todo fragmentado.

Enquanto bolsista PIBID tivemos a oportunidade de constatar com o supervisor e com o orientador com quem escrevo esta comunicação tal fato, numa escola pública da Bahia, na aula de filosofia, a troca de saberes é quase sempre ausente. Deve-se lembrar que livro didático pode ser uma fuga bloqueada, não se sabe que caminho o aluno traçará, é necessário o professor para provocar. Além disso, os alunos já apresentam um distanciamento da leitura, inclusive os estudantes já do Ensino Médio. Não há o hábito de ler, têm dificuldades em interpretar, o que torna o livro didático ainda mais



inadequado se deixado à mercê dos educandos brasileiros. Se a aula for ministrada sempre de uma mesma forma, inviabiliza cativar a atenção dos aprendizes, ou despertar o seu interesse. Não é uma tarefa fácil, mas colocar o aluno no centro do processo e ir diversificando o formato das aulas acredita-se que o resultado é satisfatório.

THEODOR ADORNO: COMO EVITAR O RETORNO DA BARBÁRIE?

A exigência de emancipação parece ser evidente num país democrático. Theodor Adorno questiona, em *Educação e Emancipação*, a vulnerabilidade da educação às barbáries presentes na sociedade, que desemboca, também, no autoritarismo, devido à inviabilização da emancipação. Para o filósofo e sociólogo, o problema da educação está no distanciamento do seu objetivo essencial que é promover o domínio pleno do conhecimento e a capacidade de reflexão. A escola se transformou, segundo ele, em simples instrumento a serviço da indústria cultural, a responsável por prejudicar a capacidade humana de agir com autonomia.

A educação tanto pode ser libertadora, na medida em que contribui para a formação da consciência crítica e permite que o indivíduo desvende as contradições da coletividade, quanto pode possibilitar o retorno da barbárie, quando fica à mercê da indústria cultural e a consciência humana é dominada pela comercialização e banalização dos bens culturais, quando valoriza a transmissão do saber, que provoca um círculo vicioso, e quanto mais educação, mais conformidade. A barbárie surge não só em sociedades desprovidas de educação formal de qualidade, como também em sociedades muito bem desenvolvidas, a exemplo disso, a barbárie nazista de Hitler sucedida na Alemanha, um país tão culto.

O alemão Helmut Becker, que dialoga com Adorno na referida obra, relata que esteve durante algumas semanas visitando escolas da União Soviética e foi muito interessante ver como num país que há muito tempo realizou a transformação das relações de produção mudou extraordinariamente pouco em termos de não educar as crianças para a emancipação, persistindo, nessas escolas, um estilo totalmente autoritário de educar. Vê-se que a questão da emancipação é um problema mundial. De



acordo com Adorno a educação tem a finalidade de prevenir a barbárie, formar o cidadão e criar as bases da emancipação, por este termo, Adorno se refere ao homem autônomo, emancipado, isto é, para a *"exigência de que os homens tenham que se libertar de sua auto-inculpável menoridade"* (ADORNO, 1995, p. 141).

Com a educação contra a barbárie, Adorno só pretende que o adolescente se envergonhe quando trata um colega com rudeza ou se comporta de um modo brutal com uma moça, que as pessoas comecem a ser totalmente repulsivas a violência física ou mesmo verbal. A educação deve se dá com as crianças ainda bem pequenas. É necessário que determinados desenvolvimentos ocorram na pré-escola, neste período etário, além de ocorrer as adequações sociais decisivas e definitivas, certificam-se, também, adaptações decisivas das disposições anímicas. Conforme a psicologia profunda, que tem suas raízes nas teorias e na práxis freudiana, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, logo, para evitar a repetição da barbárie precisa se concentrar na infância. Um elemento existente na educação que pode levar à barbárie é a competição:

A competição entre indivíduos e entre grupos, conscientemente promovida por muitos professores e em muitas escolas, é considerada no mundo inteiro e em sistemas políticos bem diversos como um princípio pedagógico particularmente saudável. Sou inclinado a afirmar — e me interessa saber sua opinião a respeito — que a competição, principalmente quando não balizada em formas muito flexíveis e que acabem rapidamente, representa em si um elemento de educação para a barbárie (ADORNO, 1995, p. 160).

É preciso ponderação quando se trata de competição, ela tanto motiva a ações agradáveis quanto a ações desagradáveis. Em qualquer situação, a educação tem sentido, segundo Adorno, quando ela é dirigida como auto-reflexão crítica e engajada,



CONCLUSÕES

Com base nas informações supracitadas, compreende-se que é indispensável educandos e educadores emancipados para o processo educacional e para uma sociedade brasileira mais aprazível – já que todo o conhecimento do homem deve ser utilizado para o benefício da sociedade. “*A educação já não diz respeito meramente à formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização*” (ADORNO, 1995, p. 15), para isso se faz necessário mais aperfeiçoamento na formação docente e melhores condições de trabalho. Os sistemas de ensino devem assegurar ao professor condições adequadas de trabalho, conforme inciso VI do artigo 67 da Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional, entretanto, quase sempre, essa garantia não sai do papel.

Faz-se necessário ter em mente o princípio da igualdade defendido por Rancière, e a destituição da visão economicista da educação, onde a escola deixa de ser instituição social para ser uma empresa e os alunos seus clientes. Deve-se direcionar a educação no sentido de estabelecer ao indivíduo uma auto-reflexão de sua individualidade demonstrando sua importância numa coletividade para o bem comum da humanização.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Senado Federal. Brasília : 1996.
- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro : 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 22ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante**. Editora Autêntica. Belo Horizonte : 2011.
- SRECK, Danilo. **Fontes da pedagogia latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- _(org) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.